

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



*CTCH – Centro de Teologia e Ciências Humanas*

# **CRIANÇAS E FILMES: HÁBITOS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

*Cíntia dos Santos Gomes,<sup>1</sup>  
Rosália Maria Duarte.<sup>2</sup>*

Departamento de Educação  
PUC-RIO 2007



---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação do curso de Educação da PUC-Rio

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela PUC-Rio.

## **SUMÁRIO:**

- 1. Introdução**
- 2. Objetivos**
- 3. Metodologia**
- 4. Conclusões**
- 5. Bibliografia**

## **CRIANÇAS E FILMES: HÁBITOS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

**Aluna: Cíntia dos S. Gomes**

**Orientadora: Rosália Duarte**

### **1. Introdução**

As investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa do qual faço parte, GRUPEM (Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia), integram-se ao esforço coletivo da produção teórica em torno das relações entre mídia e educação. Nesse momento, o grupo está estudando a relação das crianças com a produção audiovisual veiculada na televisão e no cinema. Partimos do pressuposto, adotado nos estudos de recepção latino-americanos, de que a melhor forma de nos aproximarmos da relação que os espectadores estabelecem com filmes e/ou vídeos e/ou programas de televisão é perguntando a eles o que pensam sobre o que vêem. Desse modo, tentamos encontrar diferentes formas de perguntar a eles como percebem e analisam o conteúdo do que assistem na televisão e no cinema e como entendem as mensagens ali veiculadas e suas respostas constituem o centro das nossas pesquisas.

A presente pesquisa é um estudo que dá seqüência à pesquisa desenvolvida pelo GRUPEM (Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia), coordenado pela Professora Doutora Rosália Duarte (PUC-Rio), intitulada: Crianças, televisão e valores morais, que foi desenvolvida entre 2004 e 2006. No estudo que estamos realizando neste momento — Significados e valores na relação das crianças com a produção audiovisual — buscamos compreender melhor o impacto da relação com filmes na produção de sentidos, ou seja, em que medida uma relação mais intensa com filmes de boa qualidade interfere nas hipóteses que as crianças formulam acerca das mensagens e também da linguagem cinematográfica.

Parte da investigação da pesquisa realiza-se junto a um grupo de crianças com idade de 8 à 12 anos, sendo a grande maioria dessas crianças moradoras da colônia do Hospital de Dermatologia do Rio de Janeiro, em Curupaiti, Zona Oeste da cidade. Tratava-se de crianças muito pouco familiarizadas com a experiência de ver filme em salas de projeção (quando começamos, apenas duas, das trinta e cinco crianças do grupo, já haviam ido ao cinema) ainda que familiarizadas com a visualização de filmes por meio de aparelho de DVD e televisão.

Essas crianças, cerca de vinte no momento, vêm, desde agosto de 2006, participando de oficinas de visualização de filmes, exibidos em DVD, (projetados em tela grande com auxílio de projetor multimídia, com apoio da Petrobrás). As oficinas acontecem na biblioteca do Hospital de Dermatologia e, após a exibição são realizados debates e produção de desenhos e colagens. Além disso, realizamos entrevistas individuais e coletivas com elas, de tempos em tempos. A realização das oficinas é a metodologia de coleta de material empírico privilegiada pelo GRUPEM nos estudos de recepção de produtos audiovisuais. Com o apoio do grupo de pesquisa, esse grupo de crianças assiste a filmes exibidos em circuito comercial, em seções especialmente organizadas para elas, em salas de cinema do Cinemark Downtown. Todas estas atividades são fotografadas e videogravadas e estas imagens também integram o material empírico da pesquisa.

Foram realizadas até o momento dez oficinas e seis idas ao cinema, incluindo uma participação na Mostra de Filmes Infantis do Festival do Rio de 2006. As oficinas, os debates após as exibições de filmes e as entrevistas são atividades guiadas pela equipe de pesquisa, porém as idas ao cinema são momentos de encontro livre das crianças com os filmes, nos quais fazemos apenas observações.

As duas primeiras oficinas, denominadas “marco zero”, tinham como objetivo fazer um levantamento do repertório de filmes das crianças: (1) Museu de imagens<sup>3</sup>; (2) caixa de perguntas<sup>4</sup>; (3) contação de histórias a partir de imagens

---

<sup>3</sup> Museu de Imagem

fixas — entrevistas guiadas para evocação da memória filmíca das crianças através de imagens gráficas impressas. As seguintes foram voltadas para o entendimento do nível de compreensão que as crianças têm do conteúdo dos filmes e do processo de produção dos mesmos: (3) debate sobre o filme “Juro que vi”, seguido de produção de história em quadrinhos; (4) produção de animação em massa de modelar; (5) produção de animação com sombras; (6 e 7) entrevistas guiadas (levantamento de hipóteses pelas crianças sobre produção e edição de filmes); (8) visualização de animações realizadas por crianças e adolescentes (acervo do Animarte, Festival de Animação Estudantil); (9 e 10) visualização de vídeo com a edição das videogravações das oficinas. Os desenhos e colagens produzidos pelas crianças nas oficinas, após a exibição dos filmes, vêm sendo também coletados e digitalizados para posterior análise

## **2. Objetivos**

Objetivo geral da pesquisa realizada pelo GRUPEM é compreender e descrever a dinâmica da relação que as crianças estabelecem com a produção audiovisual em geral e o modo como a prática de ver filmes na televisão participa do cotidiano delas e da configuração de seus valores.

Objetivos do projeto de Iniciação Científica: (1) aprofundar conhecimentos sobre o trabalho de pesquisa; (2) contribuir para a construção e acúmulo de conhecimentos nessa área de estudo: educação e mídia; (3) coletar, classificar e analisar opiniões de crianças sobre os filmes que vêm na televisão e no cinema; (4) observar, registrar e descrever o modo como as crianças, sujeitos dessa pesquisa, se relacionam com o conteúdo dos filmes que são exibidos para elas; (5) registrar e descrever hábitos dessas crianças relacionados à prática de ver filmes.

---

<sup>4</sup> Caixa de perguntas

### **3. Metodologia**

A metodologia do trabalho de campo realizado pelo GRUPEM neste estudo é de base qualitativa e está ancorada na realização de oficinas de visualização de filmes (registradas por escrito — caderno de campo — e em fotografia e vídeo digital), na produção pelas crianças de materiais gráficos (desenhos e textos) sobre os filmes assistidos, assim como em entrevistas com as crianças e seus pais.

Os procedimentos para produção e análise de material empírico incluem as seguintes etapas: (1) exibição de filmes infantis para o grupo de crianças sujeitos da pesquisa; (2) visualização de filmes em salas de exibição; (3) registro e análise da produção das crianças nas oficinas (falas, desenhos, animações); (4) elaboração de planilhas para classificação qualitativa desse material a partir de categorias pré-definidas; (5) leitura de textos de referência; (6) cruzamentos teoria/empíria; (7) elaboração de relatório.

### **4. Conclusões**

Além das experiências do campo de pesquisa, coletas e organização de dados, as discussões nos momentos de reunião da pesquisa e as leituras propostas pela orientadora ajudaram muito a minha reflexão sobre a relação dos sujeitos da pesquisa com o cinema. Contudo, é importante enfatizar que esse primeiro ano de pesquisa em Curupaiti foi de coleta de dados empíricos, deste modo, as análises são sucintas e preliminares.

Um primeiro ponto a ser comentado é a pouca familiaridade que esse grupo de criança tem com a visualização de filmes em sala de projeção, embora tivesse uma experiência significativa em assistir filmes em DVD ou/e em canais aberto de TV. Esse fato ficou claramente visível nas vezes em que levamos essas crianças ao cinema para assistirem seção de filme fechada, especialmente nas primeiras vezes. Muitas dessas crianças nunca tinham ido ao cinema, logo, no primeiro momento houve o encantamento com o espaço: tela imensa, som e iluminação ambiente, sala grande, escura, cheia de poltronas, ar condicionado, a

janela de projeção do filme. Os pôsteres dos filmes em exibição e o banheiro do cinema também foram, no início, grandes sensações para as crianças. Mas, aos poucos, o filme foi se constituindo como o atrativo principal e elas foram se mostrando cada vez mais atentas e concentradas na exibição.

Mônica Fantin (2004) fala de um tempo-espaço próprio do cinema que permite a “evasão da realidade”. É um momento de entrega às emoções que, com a ajuda do ambiente, o filme provoca. Porém, nas primeiras vezes, no momento de exibição dos filmes as crianças conversavam constantemente e grande parte delas se deslocava várias vezes ao banheiro. Era como se estivessem assistindo ao filme em casa, onde se pode pausar a exibição ou distrair-se durante o comercial. Porém, interagiam com as cenas do filme que lhe prendiam a atenção, cantavam, dançavam, riam, se assustavam, comentavam algo sobre o filme com o colega, se identificavam com alguns personagens.

Outro ponto relevante no decorrer deste primeiro ano de pesquisa diz respeito à relação que foi sendo estabelecida entre nós (GRUPEM) e as crianças. No início da pesquisa as crianças pensavam que estávamos lá somente para diverti-las, ou seja, exibir filmes para elas e propor atividades. Quando chegávamos, elas logo nos perguntavam qual seria o filme do dia. A idéia de momento de diversão constituída pelas crianças se refletia no comportamento e na relação que o grupo sujeito da pesquisa estabelecia com o GRUPEM. As crianças apresentavam-se tímidas nos debates e nas entrevistas, e dispersas nos momentos das oficinas. Quando compreenderam melhor qual era a função do GRUPEM, quem éramos e o que pretendíamos, o comportamento nas atividades propostas por nós e a relação conosco mudou. As crianças foram perdendo a timidez, mostraram maior interesse, passando a interagir mais com a equipe, aumentando o nível de participação e de dedicação às atividades propostas. Essa mudança de comportamento ao longo da pesquisa foi muito importante para o avanço de nossa pesquisa e para a própria aprendizagem das crianças no que diz respeito a um novo olhar para o cinema. Elas passaram a demonstrar cada vez mais curiosidade, expressando suas hipóteses sobre os conteúdos e a produção de filmes.

Nota-se também que a experiência ao longo do processo (intensa exibição de uma diversidade de filmes a que as crianças não estavam acostumadas a assistir, exibições em diferentes espaços (sala de cinema e biblioteca, em projeção multimídia), produção de pequenas animações, debates e entrevistas) de certa forma alterou o modo de ver e de falar sobre os filmes. Roger Silverstone (2002) afirma que a experiência cotidiana com a mídia altera a “textura geral da experiência”, o que possibilita a apropriação e construção de novos sentidos na relação com os meios. No caso dos sujeitos de nossa pesquisa, uma nova e intensa experiência com filmes parece estar possibilitando a construção de um outro olhar sobre os filmes. As crianças atualmente perguntam mais, opinam mais, questionam e levantam hipóteses acerca de como os filmes são produzidos. Contudo, ao contrário do que esperávamos, ainda não manifestaram interesse em conhecer mais profundamente a linguagem audiovisual para fazer uso dela.

A pesquisa será desenvolvida durante pelo menos mais um ano, ao final do qual será feita a análise integral do material coletado, o que possibilitará uma percepção mais ampla de seus resultados.

## 5. Bibliografia:

SACRAMENTO, Winston (2007). *Cinema é a maior diversão*. Anais do congresso de Redes de Conhecimento, CD-Rom, RJ: UERJ, junho 2007, 11 pp.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, R. M. Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. *Da recepção à produção de mídia: as crianças, a cultura midiática e a educação*. ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política, v.7, n.13, jul./dez., Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Dep. de Comunicação Social., 2006

SILVERTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?*, RJ: Loyola, 2002

FANTIM, Mônica (2004). *Fragments e imagens de crianças no cinema – a invenção do olhar*,. Anais do Grupo de Trabalho 16: Educação e Comunicação da 27ª Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Impresso, pp. 129-145